

## A FUNÇÃO TRANSGRESSORA DE EMÍLIA NO UNIVERSO DO PICAPAU AMARELO

Laura Constância Sandroni  
Fundação Nacional do Livro  
Infantil e Juvenil

Para verificar "a função transgressora de Emília no universo do Picapau Amarelo" decidimo-nos por, inicialmente, situar esse universo como uma projeção idealizada do mundo real tal como visto por Monteiro Lobato, seu criador: buscar as estruturas analógicas entre o mundo adulto e o mundo infantil, forma usada para questionar o primeiro através de situações vivenciadas no segundo.

Em seguida, aprofundar a visão do personagem Emília vendo-a como intérprete do pensamento mais arrojado do autor e como a mais importante personagem da literatura infantil brasileira. Para isso limitamos nosso estudo a três títulos que nos pareceram fundamentais: **Reinações de Narizinho**, o primeiro da série, onde o autor descreve e ambienta as personagens e apresenta as suas propostas, **A Chave do Tamanho** e **A Reforma da Natureza** onde Emília assume o papel de protagonista não apenas da história/narrativa mas, ousadamente, da História mesma, propondo-se, sobretudo no primeiro, a transformar radicalmente o processo econômico-social da civilização ocidental que ali é posto em questão.

### 1 — O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Situado no espaço por apenas uma referência à vilazinha próxima de Itaoca e, no tempo, por dados esparsos,<sup>1</sup> o Sítio do Picapau Amarelo e seus habitantes são, ao contrário, descritos minuciosamente a partir do primeiro capítulo de **Reinações de Narizinho** nos diversos títulos da série.

Dona Benta, dona do sítio e principal figura adulta da narrativa, é "uma velha de mais de sessenta anos... de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz... a mais feliz das vovós"<sup>2</sup>. Tia Nastácia é a cozinheira e faz-tudo

da casa. "negra de estimação que carregou Lúcia em pequena"<sup>3</sup>. "Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem, sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos"<sup>4</sup>. "... e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo"<sup>5</sup>.

Os demais personagens são por ordem de apresentação "um leitão muito guloso, que recebera o nome de Rabicó<sup>6</sup>, Pedrinho, neto de Dona Benta, que morava na cidade e de início só passava as férias no sítio, "um visconde de Sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa"<sup>7</sup>, o burro-falante incorporado ao bando nos últimos capítulos de *Reinações*<sup>8</sup> e Quindim, um rinoceronte fugido do circo e salvo da sanha dos caçadores na segunda parte de *As Caçadas de Pedrinho*<sup>9</sup>.

É com este material básico, acrescido de inúmeras outras personagens, coadjuvantes variáveis, que Monteiro Lobato cria o seu universo ficcional que, lido no sentido original grego da palavra *ler* (logos: reunir, recolher dados referenciais da realidade circundante), nos remete a uma cosmovisão idealizada: a visão de um Brasil (ou de um mundo) onde reinam a paz, a sabedoria, a liberdade.

Para isso recorre à fantasia do pó de pirlimpimpim ou do faz-de-conta, instaura o seu universo re-criando a realidade e também a linguagem.

No sítio do Picapau Amarelo quem detém a autoridade é Dona Benta, (a figura paterna não é sequer mencionada, enquanto a da mãe de Pedrinho é apenas referida) e ela a exerce de forma sábia e democrática: "era a democracia em pessoa — jamais abusou da sua autoridade para oprimir alguém (...). Todos eram livres no sítio e justamente por essa razão nada-vam num verdadeiro mar de felicidade"<sup>10</sup>. Dona Benta não é apenas uma expectadora das aventuras de seus netos, mas também participante ativa em várias delas. Com a mesma tranquilidade com que recebe no sítio os habitantes do Reino das Águas Claras<sup>11</sup>, vai até à sala conhecer os heróis do País das Maravilhas: "... Dona Benta, que havia acabado de escrever sua carta, ouviu o rumor e lembrou-se da promessa feita a Narizinho. Veio espiar a festa. Entrou na sala.

— Boa-tarde, senhor Peter Pan!

Fico satisfeita em saber que o senhor também é amigo dos meus netos..."<sup>12</sup>.

E reconhece. "Esse mundo em que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante do que o nosso"<sup>13</sup>. A partir daí entra no mundo das maravilhas com desenvoltura, não resistindo à tentação de visitar o país das fábulas<sup>14</sup> ou mesmo liderando algumas aventuras como em *A Geografia de Dona Benta*.<sup>15</sup>

Além desse papel de autoridade liberal, Dona Benta é ainda quem fornece as informações científicas que serão apreendidas e trabalhadas pelas crianças e quem conta as histórias cada noite antes da hora de dormir alimentando, assim, a fantasia e o sonho, matéria mesma da vida no sítio.

Tia Nastácia representa o povo, ignorante das coisas aprendidas, através de educação formal, mas cheio de sabedoria intuitiva e experimentada da tradição. No dizer de Emília ela é "a ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente. Mas nas coisas práticas da vida é uma verdadeira sábia"<sup>16</sup>. Ela supre o sítio de todas as necessidades materiais e ainda encontra tempo para dar vida a alguns de seus principais personagens, já que Emília, Visconde, João-faz-de-conta, saíram de suas mãos. Participa também de várias aventuras embora em alguns casos à revelia, como em *Viagem ao Céu*<sup>17</sup>, e sempre amedrontada.

Narizinho e Pedrinho são todas as crianças do mundo. Avidos de conhecimento e de aventura descobrem a vida através da palavra de Dona Benta, da bondade de tia Nastácia e de sua própria experiência, reelaborando as informações recebidas nesse universo idealizado.

Rabicó é o "mau caráter" do bando. Capaz de fugir nas horas de perigo<sup>18</sup>, comer o que não deve nos momentos mais inoportunos<sup>20</sup>. Nem por isso, no entanto, é menos querido, aproveitando aí Lobato para colocar-se contra a dicotomia bom x mau tão característica da literatura destinada a crianças, sobretudo na época em que ele escreveu. Uma de suas antecipações que veremos mais adiante.

O Visconde de Sabugosa é uma das grandes criações de Lobato. Simbiose de louvor à ciência e crítica à nobreza é inteiramente submisso à Emília que tanto faz dele carregador de sua célebre canastra<sup>21</sup> como carregador dela mesmo ao transformar sua cartola no "Sítio da Emília"<sup>22</sup> e, portanto, tornar-se literalmente "seu verdadeiro cérebro, a manobradora de sua vontade."<sup>23</sup> "O nosso Visconde já andava meio maluco com as suas manias de sábio. Ficou tão científico, que ninguém mais o entendia. Só falava em latim, imaginal"<sup>24</sup> E a doença

agravou-se a tal ponto que só o Doutor Caramujo (outra figura extremamente crítica e divertida) poderia salvá-lo: "Hum! O caso é dos mais graves. Tenho de operá-lo imediatamente. Sua Excelência está empanturrado de álgebra e outras ciências empanturrantes".<sup>25</sup> Jogando com personagens tão predominantemente do mundo da fantasia Lobato questiona todo o tempo a realidade. Na parte mais "didática" de sua obra, quando a intenção primeira é a de informar, em que o discurso não chega a ser literário, importando mais o que é narrado do que sua forma (*Geografia da Dona Benta, Aritmética da Emília* e outros), mesmo então, o leitor/criança é constantemente instigado em sua curiosidade, usando Lobato sempre os personagens de sua criação para obter esse efeito. Nos seus textos de ficção, em que a intenção didática é relegada a um segundo plano, aprofunda o questionamento da realidade induzindo a uma leitura crítica. O maravilhoso é aí usado no intuito de romper mais facilmente as estruturas estratificadas do real e levar a criança, em quem Lobato via a única esperança possível para o futuro da humanidade, à busca de novas soluções.

Daí porque compreendemos como perfeitamente natural e veraz que o Rei Carol da Romênia levante-se numa reunião de reis, ditadores e presidentes e proponha que "Dona Benta e tia Nastácia as duas respeitáveis matronas que governam o Sítio do Picapau Amarelo" sejam chamadas para ensinar-lhes "o segredo de bem governar os povos".<sup>26</sup>

## 2 — A FUNÇÃO TRANSGRESSORA DE EMÍLIA

"Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela"<sup>27</sup> "... e dum paninho muito ordinário. Se eu imaginasse que ela ia aprender a falar, eu tinha feito ela de seda ou pelo menos dum retalho daquele seu vestido de ir à missa".<sup>28</sup> Apesar dessa condição de bruxa de pano Emília movimenta-se sozinha em diversos momentos da narrativa: "A boneca seguia atrás sem dizer palavra"<sup>29</sup>, "A velha certamente a subjugaria se a boneca, que estava na mesa, ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela idéia de arrancar-lhe os óculos e sair correndo com eles"<sup>30</sup> "E foi andando de corpo mole em direção à casa, sem a menor pressa de chegar"<sup>31</sup> Em outros trechos surge como inerte: "Narizinho enfiou a boneca no bolso..."<sup>32</sup>, "enfiou de cabeça para baixo no bolso do avental"<sup>33</sup> "Só depois de comer o peixe frito é que Narizinho se lembrou da pobre boneca encharcada pelo banho do rio (...)" e foi correndo cuidar dela"<sup>34</sup>. Essas diferenças de comportamento não são, em qualquer momento, ex-

plicadas pelo Autor, que também não as relaciona com sonho e realidade.

Já o problema da fala, isto é, de como Emília começou a falar é detalhadamente narrado:

"Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: Estou com um horrível gosto de sapo na boca! E falou, falou, falou mais de uma hora sem parar. Falou tanto que Narizinho atordoado, disse ao Doutor que era melhor fazê-la vomitar aquela pílula e engolir outra mais fraca.

— Não é preciso — explicou o grande médico. — Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isso é "fala recolhida", que tem de ser botada para fora. E assim foi, Emília falou três horas sem tomar fôlego. Por fim calou-se."<sup>35</sup>

Exagerar é um atributo inato em Emília. Seus olhos de retrós preto vêem melhor que os de muita gente de verdade: "... Não bastava ser muda, vai ficar cega também. Coitadinha da Emília"<sup>36</sup>. E quando por algum motivo os olhos se desmancham tia Nastácia fabrica outros: "... Emília apareceu na porta e piscou para ele com os seus novos olhos de seda azul feitos nas véspera."<sup>37</sup>

Por outro lado não come, não sente dor e pode ser refeita a qualquer momento por Nastácia: "Em dois minutos com um bocado de macela e uma agulha com linha, ela cura Emília para o resto da vida."<sup>38</sup> Segundo Narizinho, falta-lhe coração: "Emília não tem nem uma isca deste tamanhinho..."<sup>39</sup> e na definição científica do Visconde "A Senhora Emília é um animal artificial que não está classificado em nenhuma zoologia."<sup>40</sup>

Numa "Explicação necessária" que precede a narrativa de *A Chave do Tamanho* lemos "... e a Emília, uma ex-boneca de pano (...) foi evoluindo e insensivelmente passou de boneca a gente de verdade, conservando o tamanho inicial — 40 centímetros de altura". Ou ainda na visão da Rã, uma garota sua admiradora: "E quem sabe Emília não é de fato um anjo do céu que anda pelo mundo disfarçada em gatinha?"<sup>41</sup>

De qualquer modo "aquela prodigiosa criaturinha que nasceu boneca de pano das mais ordinárias e foi evoluindo até tornar-se o que já era"<sup>42</sup> exerce desde o início uma função bem clara na obra de Lobato; ela é "o símbolo da independência mental e da habilidade para enfrentar todas as situações", acredita que "ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos"<sup>43</sup> e define verdade como "uma espécie de mentira bem pregada,

das que ninguém desconfia. Só isso."<sup>44</sup> O que lhe confere características malasarteanas e a coloca entre as personagens mais irreverentes e críticas da literatura brasileira "das que não concordam".<sup>45</sup> Através dela Lobato revê a moral tradicional, as regras estabelecidas assegurando ao indivíduo o direito de divergir, de ter opinião própria a partir de experiências vivenciadas.

"Esse livro de Dona Benta (*Geografia de Dona Benta*) vem sendo criticado justamente pelo que, a meu ver, constitui o seu maior mérito: dizer às crianças, que serão os homens de amanhã, a verdade inteira. Habitua-nos de tal modo ao regime da mentira convencional que a verdade nos dói e causa indignação ao "patriota", patriota é o sujeito que mente, o que falsifica os fatos, o que esconde as mazelas, o que transmite às crianças a sórdida porcaria que recebeu de trás. É o que diz que nossos governos são bons, que somos o mais rico país do mundo, o mais inteligente etc..."<sup>46</sup>

Dando sempre sua opinião por vezes disparatada ("Esta nossa amiga Marquesa possui uma torneirinha de asneiras. Quando a abre, ninguém pode com a vida dela,"<sup>47</sup> "asneira de boneca é a única coisa interessante que há neste mundo"<sup>48</sup>) "... a boneca tinha idéias especiais sobre tudo e tudo fazia diferente dos outros."<sup>49</sup> Portanto é perfeitamente lógico e natural que para acabar com a guerra que tanto entristece Dona Benta<sup>50</sup> decide-se a ir a Casa das Chaves e desligar aquela que "fecha"<sup>51</sup> a guerra. Os resultados desse ato são "a coisa mais tremenda jamais acontecida no mundo"<sup>52</sup>, mas Emilia está tão certa de si que racionaliza. "Se mexi na chave do tamanho, não o fiz por querer. Não havendo intenção, não há culpa, como disse Dona Benta outro dia. E por isso estou de cabeça levantada, pronta para aparecer diante de todos os tribunais do mundo. Quero ver quem me condena"<sup>53</sup>. Certa de que o tamanho era a causa dos males da humanidade, Emilia tenta convencer ao pessoal do sítio das vantagens da redução. Não conseguindo decide que "o remédio agora é um bom chá de plebiscito"<sup>54</sup> já que "estou democrática quero que as coisas sejam feitas segundo a vontade da maioria."<sup>55</sup> E a maioria para sua grande decepção vota pelo tamanho e "Emilia fungou, fungou e com a mais nobre humanidade — grande exemplo para os ditadores do mundo — disse para o Visconde: — Pois vamos para a Casa das Chaves, macaco!"<sup>56</sup> Não pararam aí suas idéias sobre reforma à natureza, considerava-a "errada... Erradíssima"<sup>57</sup>. E pilhando-se sozinha no sítio põe em prática diversas modificações com o auxílio da Rã. Repensa tudo desde o problema dos ninhos dos pássaros até uma nova função para os livros que passam a ser comestíveis "o leitor vai lendo e comendo as folhas: lê uma, rasga-a e come. Quando

chega ao fim da leitura está almoçado e jantado"<sup>58</sup>. Se "o livro é pão do espírito, por que não ser também pão do corpo?"<sup>59</sup>

"Antes de reformar a natureza Emilia já havia feito muitas reformas na língua".<sup>60</sup> Dizia por exemplo "bissolutamente"<sup>61</sup>, "bissurdo"<sup>62</sup> "tênia" (depois que aprendeu que era sinônimo de solitária preferia usar esta forma que "não é gramática — mas é mais curta")<sup>63</sup>. Malcriada, vivia chamando os desafetos de "fedor" e pondo a língua de fora"<sup>64</sup>. Com relação à tia Nastácia, sua agressividade é tão grande que insinua preconceito racial bastante evidente.

Boneca de pano que evolui e vira gente, Emilia parece-nos expressar em toda a obra, mais do que qualquer outra personagem, as idéias do autor, sua consciência crítica da sociedade.

### 3 — CONCLUSÃO

Monteiro Lobato foi um homem comprometido com seu tempo, absolutamente consciente do momento histórico em que viveu. Imaginava um Brasil melhor, progressista, onde a livre iniciativa levasse ao desenvolvimento. Não aceitava a interferência cada vez maior do Estado, que satiriza na segunda parte de **Caçadas de Pedrinho**. Buscou ele mesmo acelerar o desenvolvimento criando a "Monteiro Lobato & Cia. a primeira editora brasileira em 1918. Entusiasmado pelo progresso dos Estados Unidos, onde morou, volta ao Brasil para iniciar sua luta pelo petróleo em 1931 o que motivou uma perseguição política que o levou à prisão. A partir de 1921 dedica-se à literatura para crianças publicando **A Menina do Narizinho Arrebitado** com a indicação "primeiro livro de leitura" e com a tiragem de 50.000 exemplares. Seguem-se outros títulos que bem mais tarde, na edição definitiva de 1934, foram por ele reunidos com o título de **Reinações de Narizinho**.

Desiludido com os adultos, diz em carta a Godofredo Rangel "De escrever para marmanjos já me enjoou. Bichos sem graça. Mas para crianças, um livro é todo um mundo. Lembrome de como vivi dentro de Robinson Crusóé do Laemmert. Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar". Pioneiro do abasileiramento da linguagem, criticava acerbamente as traduções portuguesas correntes no Brasil à época. E além de tornar a linguagem mais colonial e portanto mais acessível às crianças "ousou" criar neologismos e fazer inúmeros jogos de palavras, quase sempre através de Emilia: "pó furta-todas-as-cores", "pó de céu-sem-nuvens", "pó de sol-que-acaba-de-nascer", "camarões camaronando e caranguejos

caranguejando, tudo que é pequeninc e não morde, pequeninando e não mordendo".

Usando o maravilhoso de maneira a que ele se torne um elemento comum, a narrativa de Lobato muitas vezes inverte essa situação e torna as coisas comuns agentes ativos do maravilhoso. Bom exemplo dessa técnica é o grito de Nastácia "Narizinho vovó está chamando" que traz de volta o bando do Reino das Águas Claras ou o "Pedrinhol Narizinho! Emília! Desçam já daí, cambada!" que os obriga a abandonar São Jorge na lua.

O Sítio do Picapau Amarelo é seu projeto ideológico, seu mundo idealizado. Ai ele pode descobrir petróleo (**O poço do Visconde**), sonhar com um Brasil democrático e capitalismo conforme o modelo americano fundamentado no liberalismo clássico. Para denunciar um Brasil arcaico, condenado por uma política ineficaz e sem nenhuma competência, Lobato enfoca as relações de produção num minifúndio paulista, de estrutura pré-capitalista, portanto ainda moldável, capaz de gerar um processo de capitalização mais eficiente.

Uma das leituras possíveis de **A Chave do Tamanho** é aquela que coloca Emília frontalmente contra uma sociedade da qual o dinheiro é a mola. Ao perceber o resultado inesperado de sua ação, que tornou a humanidade pequena, vê nesta situação uma perspectiva nova e se posiciona decididamente contra o tamanho, ou seja, a favor de uma mudança radical das estruturas sociais vigentes.

Com Lobato os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. Desmitifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura portanto a liberdade. "O segredo é um só: liberdade".

Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo de fantasia onde não há limites definidos entre o real e o irreal, que ela pode ser agente da transformação.

## NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ———. **A Chave do Tamanho**. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 68.
- 2 — ———. **Reinações de Narizinho**. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1968, p. 11.
- 3 — *Ibidem*
- 4 — *Ibidem*
- 5 — *Ibidem*
- 6 — *Ibidem*, p. 39
- 7 — *Ibidem*, p. 84
- 8 — *Ibidem*, p. 273
- 9 — ———. **As caçadas de Pedrinho**. 12. ed. São Paulo, Brasiliense, 1957, p. 59.
- 10 — ———. **A reforma da natureza**, 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1954, p. 15.
- 11 — ———. **Reinações de Narizinho**. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 127.
- 12 — *Ibidem*, p. 187
- 13 — *Ibidem*, p. 127
- 14 — *Ibidem*, p. 275
- 15 — ———.
- 16 — ———. **Memórias da Emília**. 11. ed. São Paulo, Brasiliense, s.d. p. 121.
- 17 — ———. **Viagem ao céu**. 17. ed. São Paulo, Brasiliense, 1968.
- 18 — ———. **Reinações de Narizinho**. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 63.
- 19 — *Ibidem*, p. 64
- 20 — *Ibidem*, p. 119
- 21 — *Ibidem*, p. 247
- 22 — ———. **A Chave do Tamanho**. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 118.
- 23 — *Ibidem*, p. 105
- 24 — ———. **Reinações de Narizinho**. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 128.
- 25 — *Ibidem*, p. 219.
- 26 — ———. **A reforma da natureza**, 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1954, p. 8.
- 27 — ———. **Reinações de Narizinho**. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 11.
- 28 — *Ibidem*, p. 38
- 29 — *Ibidem*, p. 15
- 30 — *Ibidem*, p. 23
- 31 — *Ibidem*, p. 122
- 32 — *Ibidem*, p. 34
- 33 — *Ibidem*, p. 140
- 34 — *Ibidem*, p. 48
- 35 — *Ibidem*, p. 33
- 36 — *Ibidem*, p. 28
- 37 — *Ibidem*, p. 167
- 38 — *Ibidem*, p. 66
- 39 — *Ibidem*, p. 39
- 40 — *Ibidem*, p. 107
- 41 — ———. **A reforma da natureza**, 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1954, p. 44.
- 42 — *Ibidem*, p. 45
- 43 — ———. **Memórias da Emília**. 11. ed. São Paulo, Brasiliense, s.d. p.
- 44 — *Ibidem*, p. 8.

- 45 — ———. *A reforma da natureza*. 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1954, p. 16.
- 46 — APUD CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato*. São Paulo, Brasiliense, 1962. av. p. 164.
- 47 — LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 139.
- 48 — *Ibidem*, p. 229
- 49 — *Ibidem*, p. 246
- 50 — ———. *A chave do tamanho*. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969, p. 12.
- 51 — *Ibidem*, p. 14
- 52 — *Ibidem*, p. 18
- 53 — *Ibidem*, p. 138
- 54 — *Ibidem*, p. 94
- 55 — *Ibidem*, p. 185
- 56 — *Ibidem*, p. 190
- 57 — ———. *A reforma da natureza*. 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1954, p. 12.
- 58 — *Ibidem*, p. 50
- 59 — *Ibidem*, p. 50
- 60 — *Ibidem*, p. 17
- 61 — *Ibidem*, p. 17
- 62 — *Ibidem*, p. 23
- 63 — *Ibidem*, p.17
- 64 — ———. *Reinações de Narizinho*. 21. ed. São Paulo, Brasiliense, 1969. p. 199.